

**MANUAL DE REDAÇÃO JORNALÍSTICO: SUA INFLUÊNCIA NA PRÁTICA
DE ENSINO POR MEIO DE ESTRANGEIRISMOS E SIGLAS**

Vitor Sergio de Almeida¹

RESUMO: Este trabalho tem como enfoque primordial a descrição e análise de três manuais de redação e estilo, Manual da redação: Folha de São Paulo”, da Publifolha, “Manual de Redação e Estilo” de O Estado de São Paulo, de autoria de Eduardo Martins e “O Globo – Manual de redação e estilo”, organizado e editado por Luiz Garcia. Logo, a abrangência desse trabalho é levar tal reflexão para os cursos de comunicação (jornalismo) das instituições superiores e para os profissionais (redatores, repórteres, editores, revisores) que atuam (ou não) nos três veículos de informação cujas obras são referenciais teóricos e que devem pontuar suas produções escritas, ou seja, analisar como todos que atuam com a prática textual relacionada com a propagação de informação se relacionam com o manual. Desta maneira, por meio desse estudo, visa-se também descobrir se os próprios segmentos do grupo Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e O Globo seguem as suas próprias recomendações, tomando por base o uso de siglas e estrangeirismos dos seus manuais. Esse estudo contou com as pesquisas bibliográfica, documental e descritiva.

PALAVRAS-CHAVE: Manuais Redacionais; Sigla; Estrangeirismo.

ABSTRACT: This paper has as its main focus the description and analysis of three manuals of writing composition and style: ”Manual da redação: Folha de São Paulo”, from Publifolha, “Manual de Redação e Estilo” from O Estado de São Paulo, authored by Eduardo Martins, and “O Globo – Manual de redação e estilo”, organized and edited by Luiz Garcia. The scope of this paper is to take such reflection to communication courses (journalism) from higher education institutions and to professionals (writers, reporters, editors, reviewers) who work (or not) on the three vehicles of information whose works are theoretical references and that should punctuate their written productions, in other words analyze how everyone who work with textual practice related to the spread of information relate to the manual. Thus, by means of this study, the aim is also to find out if the own segments from Folha de São Paulo, Estado de São Paulo and O Globo follow their own recommendations, based on the use of foreignness and acronyms (other two corpus that are contained in the manuals) of their manuals. This research counted with the bibliographic, documentary and descriptive researches.

KEY-WORDS: Writing manuals; Acronym; Foreignness.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: vitor_sergio@hotmail.com

Sabendo que a leitura – de textos informativos – é um hábito constante na e para a sociedade e que a internet foi o meio informativo de preferência dos graduandos e que, aliada aos meios impressos – jornal e revista² –, correspondem juntos a 70,3% (dos alunos) e 80,9% (dos professores) dos veículos utilizados para se obter informações, destaca-se a serventia e a necessidade de um material de direcionamento para pontuar as notícias. Esse papel recai aos manuais de Redação (e Estilo), que são usados em muitas editorias, as organizações ou grupos comunicacionais, para auxiliarem o redator do meio virtual, do impresso, da assessoria e aos profissionais e estudantes.

Então, sabendo de sua valia para o jornalismo, entende-se que o manual é uma obra com dicas, regras e sistematização do manuseio da língua – portuguesa – escrita com o princípio de informar ao leitor. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de normas estipuladas por editorias de muitos meios da imprensa brasileira para padronizar – respeitando as regras da língua portuguesa – e facilitar o cotidiano das construções jornalísticas dos veículos de comunicação. Enfim, essas normas internas – com características peculiares – visam oferecer as técnicas elementares, os jargões básicos, os conceitos imprescindíveis usados dentro da profissão, com o intuito de uniformizar e nortear a atividade redacional. No Manual de Redação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Scarton e Smith (2002, p.2), informa que os manuais dessa natureza apresentam as seguintes características principais:

- i) têm como base as regras ortográficas e gramaticais de gramáticas e dicionários conhecidos;
- ii) privilegiam os aspectos normativos da língua, de modo especial os que maiores dificuldades oferecem (emprego do hífen, de maiúsculas, de abreviaturas, de pronomes de tratamento, etc.), não se preocupando, pois, com a questão descritiva (fonologia, análise sintática, definições, classificações, etc.);
- iii) apresentam os conteúdos mediante forma bastante objetiva, clara, simples, com exemplificação adequada, favorecendo, assim, sua plena compreensão.

Tal produção ainda serve para divulgar e pautar a evolução das redações e o comportamento do escritor dentro de uma sociedade, que necessita e cobra cada vez mais de uma formação sólida e discursiva do profissional. Assim, esses manuais são tão importantes, que sintetizam a relação empresa-cliente, como se verifica no estudo do Instituto Gutenberg (1995, p. 3) “o manual de redação é um contrato que os jornais firmam com

² Neste trabalho, mesmo sabendo da importância informativa e do valor como fonte de consulta dos livros, eles não entraram como divulgadores de notícias diárias informativas.

seus leitores – sobretudo quando milhares de exemplares são vendidos em livrarias para que o público possa saber com que regras o jornal se faz”. E eles não se limitam apenas a explicar o manuseio das regras gramaticais e a tentar a padronização, visam também definir conceitos, evitar polêmicas dentro das redações e propiciar ao profissional da comunicação escrita mais noções de produção textual e técnica. Principalmente em uma época em que o uso de notícias como fonte de pesquisa da língua portuguesa contemporânea é enorme – como acontece indiretamente³ com esse projeto.

Vale ressaltar que há ressalvas e pedidos de cuidado em relação à aplicação desses livros, Carvalho (1998) aponta que:

Os manuais deveriam ater-se, o quanto possível, a aspectos exteriores e ‘materiais’ da escrita, como ortografia, abreviaturas, padronização de nomes, evitando pontificar sobre estilo ou, pelo menos, opinando nisto com extremo cuidado e tão somente em nome da conveniência utilitária [...].

No Brasil, há muitos (mini)manuais, livros que contém dicas e normatização da língua portuguesa para o meio comunicacional, mas três que se destacam bastante são os da Folha de São Paulo, do Estado de São Paulo e do O Globo. Esses não se tornam verdadeiras “ferramentas” apenas para os seus funcionários, ainda orientam estudantes e profissionais – de áreas afins, de outros jornais e diversos veículos.

O manual da Folha de São Paulo foi criado em 1984 e atualmente está na edição de 2011, número 17, totalmente em língua portuguesa, com 392 páginas, formato: 16,5 cm por 21,3 cm (largura - altura), impresso em Offset 90g/m, quatro por quatro cores, brochura, com peso de 695 gramas, registrado no International Standard Book Number (ISBN) com sendo 978-85-7402-262-8 e no ISBN⁴-13: 978-85-7402-262-8. Sobre o manual, a sua editoria expõe que

O texto não se limitava a impor regras gramaticais e padronizar a linguagem. Dava ao jornalista noções de produção gráfica, definia conceitos e servia como base para discussões no dia-a-dia da Redação. Esse manual teve uma segunda edição, revista e ampliada, em 1987. Em 1992, a Folha editou o Novo Manual da Redação. Nele, as regras anteriores se flexibilizavam, admitindo nuances, deixando de lado uma padronização considerada intransigente. Como afirma sua Introdução, as normas do novo manual ‘apostam na iniciativa e no discernimento

³ Vale frisar que o foco não é centrar os estudos na forma, na ideologia, na tipologia das notícias; no máximo usá-las para exemplificar a condução técnica trabalhada nos manuais e nos cursos de jornalismo.

⁴ ISBN é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição. O sistema é controlado pela Agência Internacional do ISBN, que orienta e delega poderes às agências nacionais. No Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional representa a Agência Brasileira coordena o processo de atribuição do número de identificação aos livros editados no país.

individuais, na inventividade das soluções em cada caso e na disposição para manter o jornalismo em aperfeiçoamento constante' (FOLHAUOL. Publicado em: 16 jan. 2003).

Mesmo trazendo uma “série de anexos (gramatical, jurídico, médico e outros) cujo objetivo é oferecer ao público uma obra de referência – concisa, porém abrangente – e ao mesmo tempo dar subsídios à atividade jornalística”, destaca-se que não há a pretensão de desvalorizar e ou substituir a gramática, por exemplo. Vale ressaltar que todos os manuais se baseiam nas tradicionais gramáticas e são aprimoramentos e compêndios para o cotidiano editorial.

O Manual de Redação do Estado de São Paulo foi lançado em 1997, totalmente redigido em idioma português, está em sua terceira edição, em papel brochura, possuindo 400 páginas, o seu ISBN é 8516016692, ISBN-13: 9788516016692. Em seu prefácio, redigido pelo seu autor Eduardo Martins (2007, p.9) salienta-se o objetivo, público alvo, origem dos exemplos, conforme transcrito a seguir:

[...]

De qualquer forma, o objetivo deste trabalho continua o mesmo: expor, de modo ordenado e sistemático, as normas editoriais e de estilo adotadas pelo Estado.

[...]

Embora destinado a jornalistas, o Manual pode também constituir eficiente auxiliar de todos aqueles que precisem escrever com regularidade, estejam se preparando para exames de redação ou queiram conhecer as principais particularidades da língua portuguesa.

[...]

Na grande maioria, os exemplos constantes do Manual foram extraídos de jornais e revistas, o que lhes dá um caráter de permanente atualidade. Eles são abundantes e têm por objetivo manter o profissional o mais próximo possível das construções com que se defronta no dia-a-dia.

Destaca-se que os exemplos citados no manual utilizados são do meio jornalístico, o que valoriza e reporta ao trabalho diário dos redatores. Evidencia-se também duas passagens: a que trata do intuito principal da obra, que é ser usado pelos colaboradores do grupo, isso “de modo ordenado e sistemático” (ideia usada nos outros dois manuais e que se torna um quesito essencial) e a outra marca expõe que o livro pode ser útil para aqueles que buscam as “principais” noções acerca do uso do idioma (reparando que não se utilizou “todas” ou “teorizadas” ou “sempre exemplificadas”, como deve ocorrer em uma boa gramática).

Já o manual O Globo, publicado pela editora de mesmo nome, está na edição de número 23, também escrito totalmente em língua portuguesa, ele possui 246 páginas,

acabamento em brochura, formato: 14 por 21 cm e está inscrito no ISBN com o número 8525010995. Segundo os editores do referido manual

- m) Os veículos das Organizações Globo usarão a norma culta da Língua Portuguesa, levando sempre em conta a sua evolução e as múltiplas possibilidades que ela acolhe. [...]. Cada veículo estabelecerá, em seu manual de redação, a padronização que considerar a mais apropriada. Mas editores evitarão que suas idiossincrasias em relação à língua se tornem norma;
- n) Os veículos das Organizações Globo têm obrigação de se fazer entender. Uma notícia tem de ser publicada de forma clara, para que o público a compreenda sem dificuldades. Nesse sentido, na edição de reportagens, recursos explicativos que facilitem o entendimento são uma obrigação (ORGANIZAÇÕES GLOBO, publicado em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#correcao>).

Ressalta-se a serventia do manual no ensino, em aulas acerca das modalidades textuais informativas, nas instituições de ensino superior, pois, nessas ocasiões, torna-se interessante ter e ou explicar os parâmetros – base de consulta ou referência – e esses passam a ser os manuais que se tornam referências para os alunos.

Evidencia-se que, em alguns casos, a definição contida nesse livro de normas propõe apenas uma possibilidade de uso de determinada estrutura – habitualmente não aprofunda na discussão teórica, expõe apenas o que é adequado⁵ ou inadequado, explicação prática e teórica que cabe à gramática. Em suma, o manual não busca cercear a criatividade nem impor limites em se tratando de talento para os editores, repórteres, redatores, professores, alunos e jornalistas. Desse modo, torna-se importante não confundir “definir princípios que tornem uniforme os aspectos jornalísticos” com inibição ou censura a imaginação. Para ratificar tal ideia expressa, resgata-se os dizeres expressos no prefácio do Manual da PUCRS,

A julgar por sua especificidade, poder-se-ia concluir apressadamente que os manuais ensinam a escrever aos que se encontram no efetivo exercício desta atividade ou a todos quantos aspiram a exercê-la. Na verdade, sua contribuição, bem como o domínio dos conteúdos neles abordados devem ser relativizados, pois a competência lingüística, a competência comunicativa na produção textual implica outras variáveis que ultrapassam os domínios normativos, prescritivos, os domínios do que se aprende na maioria das vezes nos livros, no ensino formal - regras de grafia, acento indicativo de crase, pontuação, concordância, regência, colocação, etc. (SCARTON e SMITH, 2002, p.2).

⁵ O termo “adequado” não implica em uma verdade absoluta, ou no certo ou consolidado. Tal expressão indica que é algo oportuno (pontual, usual e cabível) para a ocasião e para o interlocutor.

Elementos grafos

Nesse trabalho, entende-se que todas as expressões e verbetes tornam-se registros comunicacionais de manifestação e informação – neste caso, formas escritas –, ou seja, são as particularidades redacionais necessárias para uma produção redacional eficaz. Diante disso, tais expressões (verbetes) tratam do ato de redigir de modo claro e conciso para facilitar o entendimento e a interpretação do leitor. Enfatizando que neste caso o foco de análise cabe aos estrangeirismos e as siglas.

Elementos Grafos - Estrangeiros

Há diversas definições para “estrangeiro”, assim, basear-se-á no uso da linguagem, frases ou termos provindos de outro idioma dentro de um ambiente, que possui a sua língua nativa. O estrangeirismo tem duas categorias: com aportuguesamento, ou seja, a grafia e a pronúncia da palavra são adaptadas para o português. Exemplos: gol (do inglês *goal*), ringue (do inglês *ring*), abajur (do francês *abatjour*), muçarela (do italiano *mozzarella*); a escrita e a fala não sofrem o aportuguesamento: conserva-se a forma original da palavra. Exemplos: mouse (do inglês *mouse*), show (do inglês *show*), etc (do latim *etc*), pizza (do italiano *pizza*). Faraco (2001, p.38) afirma que:

Entende-se por estrangeirismos o uso de palavras e expressões de línguas estrangeiras utilizadas cotidianamente em um país onde a língua oficial é outra, como no caso do Brasil, o uso do inglês, francês, espanhol, etc ‘misturado’ com a Língua Portuguesa.

A seguir, eis uma lista com algumas palavras de utilização frequente que o idioma português tomou de empréstimo às outras línguas, de acordo com Houaiss (2001) e Ferreira (2004):

Evidencia-se que tal interferência pode apresentar diversos pontos de vistas, pois há os termos estrangeiros que vem para preencherem espaços em que a língua original não possui correspondente ou que este é pouco usado ou conhecido. Dessa forma, o empréstimo estrangeirismo é benéfico e se torna um instrumento importante para a evolução comunicacional, cultural e até mercadológica. Enfim, o português mesclado com outros idiomas trata-se da soma da dinâmica cultural, que resulta do convívio entre os povos.

Também existem aqueles termos que possuem uma tradução para o idioma local, e mesmo assim são utilizados, ou seja, nem sempre a utilização de termos estrangeiros na língua mãe acontece em função da inexistência de palavras adequadas. E esse uso acontece por várias questões, dentre elas: mercadológica, política, modismo, influência cultural, econômica. Com isso, o uso indiscriminado e a simples mistura de línguas sem um objetivo claro, pode ser prejudicial ao ato comunicacional e até propiciar a perda de identidade cultural e incorrer na possibilidade de exclusão.

Assim, observa-se que os três manuais versam sobre estrangeirismo: No Manual da Folha, na página 332, há parte denominada “Principais estrangeirismos Grafia adotada pela Folha e origem”, há uma conveniente explicação:

Faz parte da evolução natural da língua incorporar palavras estrangeiras. Entretanto, o uso excessivo de estrangeirismos, muitas vezes desnecessários, torna o texto pedante, quando não incompreensível (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p.332).

Entre as páginas 332 e 335 – parte denominada “Anexo” –, há um excelente serviço prestado aos leitores do manual, pois tem-se uma lista – em ordem alfabética – de vários termos de origem estrangeira recorrentes no Brasil, expondo aqueles que já foram ou que podem ser considerados aportuguesados e os que devem ser evitados, ainda mostrando a origem deles – latina, grega, inglesa, francesa, alemã, japonesa.

Destaca-se a seguinte explicação:

Termos de origem estrangeiras que já estão aportuguesados aparecem sem aspas nesta lista. Não se fazem restrições ao seu uso. O mesmo vale para palavras que, embora mantenham a sua grafia original, já podem ser tidas como incorporadas à linguagem cotidiana. Os termos registrados entre aspas devem ser evitados (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p.332).

Alguns exemplos são: “affair” (francês), a “priori” (latim), “bijuteria” (francês), “caubói” (inglês), “copy” (inglês), “feedback” (inglês), “internet” (inglês), “marketing” (inglês), “training” (inglês), “vodca” (russo).

Na página 67 do mesmo manual há uma explicação sobre o uso com uma recomendação: “certos estrangeirismos podem dificultar a compreensão do assunto, constituir clichês ou soar de maneira pedante”. Ainda, aconselha-se a preferir expressões da língua nativa diante do estrangeirismo e cita três casos, dentre eles: “**estréia**, e não ‘**preview**’; **personalizar** e não ‘**customizar**’” (grifos dele). Mas, contata-se que esta

determinação não é aplicada dentro dos diversos segmentos desse veículo de comunicação, pois, na internet – em www.folhaonline.com.br – as recomendações e regras não são realizadas, como se comprova com os dois termos citados anteriormente, ou seja, as próprias palavras estrangeiras, que são utilizadas como exemplos no manual, aparecem nos textos do portal da Folha.

Com nove novos estilistas, Fashion Week começa dia 27 de janeiro. Um **preview** da mostra "Tripolli - 40 Anos de Fotografia", que deve estrear em abril, é uma das atrações paralelas. (o grifo é meu). (FOLHA ONLINE. Publicado em: 16 Jan. 2003).

Aos 91, Jamelão canta ao vivo no desfile da Poko Pano. Antes do início do desfile, as "celebridades" foram convidadas a **customizar** biquínis. Com cestas repletas de fitas e botões, funcionários da marca pediram que os artistas criassem sua própria peça [...] (FOLHA ONLINE. Publicado em: 26 jun. 2005). (o grifo é meu).

Já no segmento impresso, também ocorre o mesmo erro de aplicação, exemplificando o termo “stores” (“loja” em inglês), no jornal do dia 27 de outubro de 2007 (sábado), no suplemento “Vitrine”, na reportagem “Belo Horizonte – Os endereços preferidos de Ronaldo Fraga” [...] “Na contramão das megastores do ramo [...]”.

Continuando, o manual ainda relata que se não existir a tradução correta ou quando a fala estrangeira for consagrada, utiliza-a sem as aspas. E mais, em casos em que há obrigação de uso de um termo estrangeiro desconhecido, esse tem que ser rodeado entre aspas e possuir em seguida uma explicação. E, para melhorar a explanação e, conseqüentemente, facilitar o entendimento do leitor, há o exemplo de “**spread**, taxa de risco nos empréstimos internacionais” (grifos dele).

A seguir, aparecem dois textos que mostram a maneira adequada e a inadequada de se tratar o próprio vocábulo “spread”.

Vale já refinanciou 84% do empréstimo bilionário para compra da Inço. Os bônus com vencimento em janeiro de 2017, no valor de US\$ 1,25 bilhão, possuem cupom de 6,25% ao ano, pago semestralmente, e foram emitidas com rendimento para o investidor de 6,346% ao ano, resultando em **spread** de 168 pontos base sobre o retorno dos títulos do Tesouro dos EUA (FOLHA ONLINE. Publicado em: 22 dez. 2006). (o grifo é meu).

Repare que o exemplo acima não tem aspas, muito menos a explicação posterior. Já na exemplificação seguinte há o uso recomendado, isto é, com a explicação logo após o vocábulo.

Governo quer conta salário obrigatória. [...] o governo acredita que reduzirá o custo dos bancos e, portanto, abrirá espaço para a redução do **"spread" (a diferença entre o custo de captação do banco e o valor cobrado dos clientes)** (FOLHA DE SÃO PAULO, Publicado em: 26 ago. 2006). (os grifos são meus).

Também, evidencia-se o manuseio de estrangeirismos desconhecidos, sempre os explicando, como acontece com a expressão *lato sensu* em “[...] a entidade dá cursos de pós-graduação **lato sensu** (popularmente chamados de especialização)” – da matéria “Conselho aperta cerco ao grupo da medicina estética”, publicada em 25 de março de 2011, no FolhaUOL – e de “izakaya” (japonês), na reportagem “Incentivo, **chef** Kanashiro volta à cena” de 25 de janeiro de 2012 (quarta-feira) apareceu explicada depois do seu uso: “O lugar foi anunciado como um **izakaya** – um bar de **saquê** (e outras bebidas), onde costuma haver petiscos e pequenos pratos para amenizar os níveis etílicos” (o grifo é meu). Nos dois casos as expressões foram explicadas, mas não estão entre aspas. O curioso é que no segundo exemplo, o pequeno parágrafo onde o termo apareceu tem, no fragmento original do jornal, seis linhas e cinco foram usadas para a explicação.

Outro fato destacável é que na última citação mencionada há dois termos aportuguesados e que estão usados segundo os preceitos da Folha: *chef* (coordenador e ou preparador de alimentos em restaurantes – do francês) e *saquê* (bebida – do japonês). Como também ocorre com a palavra *e-mail* em “O que escrever nesse e-mail é dúvida de candidatos [...]”, publicado no jornal de 28 de outubro de 2007 (domingo), na matéria intitulada “Informação no e-mail deve ser escolhida para ter efeito positivo”. Evidencia-se que nesses três últimos casos, por se tratar de termos aportuguesados, não há necessidade de grafia especial; o que foi – repetindo – respeitado pelos redatores nos trechos destinados a essa temática no manual.

Assim, conclui-se que muitos profissionais da Folha aceitam e utilizam o padrão editorial do estrangeirismo, entretanto há muitas explicações que não seguem ou são espelhadas nos manuais, provando que há redatores que não conhecem ou seguem a linha editorial técnica em que trabalha.

No Manual do grupo Globo (entre indicação de uso e relação de termos há oito páginas sobre estrangeirismo) não há ressalvas ou recomendações, inicia-se mencionado que os termos – substantivos – estrangeiros devem ser grafados em negrito no corpo do texto e dentro de aspas em títulos (mas, não existe nenhum exemplo, diferente da Folha e do Estadão).

Porém, encontram-se facilmente substantivos estrangeiros em www.globo.com no corpo do texto e sem o negrito; como se observa com o uso das palavras inglesas *trainne* (que seria “estagiário”) e *round* (que pode ser traduzida por “batida”, “encontro”, dentre outras).

RIO - A Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) está com inscrições abertas para programa de estágio e de **trainne** nas áreas de fisioterapia, serviço social, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e pedagogia, para início no segundo semestre deste ano (O GLOBO, Publicado em: 11 mai. 2010). (o grifo é meu).

Furacão x Vasco: primeiro round em Curitiba. O primeiro **round** será na Arena da Baixada, em Curitiba. As equipes farão o jogo de volta no dia 12 de setembro, em São Januário (GLOBOESPORTE. Publicado em: 14 ago. 2007). (o grifo é meu).

Outra diferença com os outros dois manuais está no manuseio de termos especializados, esses não devem ser destacados em cadernos ou textos especializados, mas recebem um destaque – não informando qual seria – quando são apresentados em matérias gerais. Ainda foi mencionado o aportuguesamento ou não de nomes de cidades, regiões e países, citando como uso “arbitrário” e adequado de “Nova Jersey”, “Nova Orleans”, “Nova York” – expressões escritas com um termo em português e outro em inglês –, nomes muito encontrados em noticiários internacionais, como no jornal de 29 de dezembro de 2012 (quinta-feira), na matéria “Eleitores latinos reprovam política de deportação do governo Obama”: “Nova York. A maioria dos latinos residentes nos EUA desaprova a política de deportações de imigrantes [...]”.

E por fim, no O Globo (2005, p.206) lê-se

[...] palavras e expressões frequentemente vitimadas por erros de tradução, grafia ou uso. Termos em outros idiomas só devem ser empregados quando não houver palavra em português que exprima adequadamente o que se quer dizer. A tradução, entre parênteses e entre aspas, é indispensável.

Cujos exemplos são: “‘box’ – [...] para pugilismo, usa-se a palavra portuguesa *boxe*”, “‘container’ – recipiente de carga. Existe em português ‘*contêiner*’, plural ‘*contêineres*’”, “‘Flat’ – ‘Apartamento’, em inglês dos ingleses; os americanos (SIC!) usam ‘*apartment*’. Não há razões para se usar qualquer das duas expressões”.

Verifica-se que há o uso dos termos recomendados: “Lutador de **boxe** canadense é achado morto em **flat** em Porto de Galinhas, em Pernambuco”, (o grifo é meu) em matéria

com o mesmo título, publicada em onze de julho de 2010, no globo.com. No caso de “container” ou “contêiner” se encontra dos dois modos: “Grades e **contêiner** atravessam o caminho no Sambódromo”, (o grifo é meu) em matéria com o mesmo título, publicada em 13 de fevereiro de 2012, no globo.com e “**Container** tomba num dos acessos à Linha Amarela”, (o grifo é meu) em matéria com o mesmo título, publicada em oito de abril de 2010, no globo.com.

Conclui-se que, como ocorre com os profissionais ligados ao grupo Folha, os redatores do O Globo aceitam e seguem, em muitos casos, a cartilha do manual interno, contudo há bastante a ser melhorado e seguido para se ter uma linha editorial coesa.

No Estado (as explicações e dicas de uso sobre estrangeirismo estão nas páginas 209 e 210), no início – como o manual da Folha e diferente do O Globo – há recomendações; e ainda há delimitações acerca das expressões estrangeiras “a palavra estrangeira, em sua forma original, só deverá ser usada quando for absolutamente indispensável” e se pede para explicá-las entre parênteses. Mais a frente há o reforço: “Não empregue no idioma original palavra que já esteja aportuguesada” e cita “uísque e não whisky; [...] caratê e não Karatê; [...] tarô e não tarot”. Mas, ao pesquisar em www.estadao.com.br, percebe-se claramente, que alguns repórteres usam esses termos, inclusive os que serviram de exemplificação, como *whisky*, *karatê* e *tarot*. Observe:

O que importa é ver a corrida. Paixão pelo automobilismo faz fãs assistirem ao GP do Brasil na laje de uma casa ou no luxo do hospitaly centre. (...) Mas a principal atração não é o sofisticado bufê do brunch, com queijos importados e salmão defumado, oito tipos de sobremesas mais vinhos, *whisky* ou champanhe à vontade, nem a localização do mezanino que dá visão para a pista e os paddocks (ESTADAO ONLINE. Publicado em: 22 out. 2007). (o grifo é meu).

Como curar o joelho treinando. Equipe multidisciplinar realiza diagnóstico para atletas, amadores ou profissionais, e alia tratamento dos trigger points com fortalecimento muscular, para uma recuperação eficaz. Em vez de operar o joelho doente, Siqueira, o boleiro de fim de semana e ex-atleta de competição de **karatê** (esporte que pratica desde menino e do qual já foi campeão paulista) (ESTADAO ONLINE. Publicado em: 20 mar. 2007). (o grifo é meu).

Cientista britânico ataca astrologia em série de TV. Richard Dawkins desmonta crenças em temas como mediunidade e homeopatia. Ele agora aponta sua artilharia contra o que considera superstições e pseudo-ciência: de astrologia a mediunidade, de homeopatia a cartas **tarot** (BBC. Publicado em: 14 ago. 2007). (o grifo é meu).

E até palavras tidas como inadequadas, pois há um equivalente, aparecem em textos da agência Estado, como é o caso de “rush” – trânsito intenso. Veja:

[...]

Em plena hora do **rush**, a Avenida Paulista também ficou alagada na altura da Rua Bela Cintra, região dos Jardins, zona sul. No Itaim-Bibi, também na zona sul, a Avenida Juscelino Kubitschek alagou por volta das 18h20 e continuava assim até as 20h. Na zona norte, a região de Perus ficou em estado de alerta (ESTADAO ONLINE. Publicado em: 18 fev. 2012). (o grifo é meu).

Como acontece no manual da Folha, se a expressão não possuir a tradução ou quando a expressão nativa for pouco usada, ela deve ser usada, mas (diferente da Folha e do Globo) sem destaque ou aspas, como acontece com a expressão “déjàvu” no impresso do dia 18 de fevereiro de 2012 (sábado), no texto “Realismo brutal de war witch”: “Com elementos de dois filmes vencedores do Urso de Ouro, o concorrente canadense/africano arrisca-se a ser considerado déjàvu pelo júri [...]”.

A conclusão é a mesma das duas análises anteriores, ou seja, há redatores que seguem as explicações do manual, no entanto, existem casos em que os escritores não têm nenhum embasamento ou coerência com a linha editorial.

Elementos Grafos - Siglas

A conceituação ou a explicação de “sigla” é um pouco complexa e, às vezes, polêmica. Mas, o básico a se saber é que alguns estudiosos chamam o seu processo de formação de “siglonimização” e tal “acrônimo” é uma expressão formada pela letra ou pelas letras ou pelas sílabas iniciais de palavras sucessivas de uma locução, ou pela maioria destas partes. Ela pode ser um tipo de abreviação utilizada para reduzir algumas palavras, a fim de que haja mais agilidade tanto ao falar, quanto ao escrever. Destaca-se que não há um modelo homogêneo para a criação das siglas, pois ora se usa a primeira letra de todas as grandes palavras, como em: UFU – Universidade Federal de Uberlândia e ONU – Organização das Nações Unidas; ora pode se empregar as duas primeiras letras de cada palavra, como em: FUNAI – Fundação Nacional do Índio e COPOM – Comitê de Política Monetária; ora se expõe as letras de algumas palavras e omite de outras, como em: INFRAERO – Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária e Unitri – Centro Universitário do Triângulo.

Costumava-se colocar pontos finais entre as letras que compõe a sigla e também no final dela, como em: "O.N.U.", contudo, atualmente, eles são desnecessários.

O Dicionário de Termos Linguísticos da Associação Portuguesa de Linguística e do Instituto de Linguística Teórica e Computacional, de Xavier e Mateus (1992, p.16-17 e 345), conceitua a sigla da seguinte forma “Termo complexo abreviado ou nome formado a partir das letras iniciais dos seus elementos. Uma sigla forma uma sequência cuja pronúncia é alfabética, silábica ou ambas”.

No CD-ROM intitulado Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, sob responsabilidade do Ministério da Educação e Cultura (MEC), 2005, aprofunda-se e se detalha ainda mais na definição o conceito de sigla.

1. Processo morfológico consistindo na redução de uma palavra ou de um grupo de palavras às suas iniciais para designar organismos, partidos políticos, associações, clubes desportivos, etc. 2. Letra inicial ou grupo de letras iniciais que entram na composição da abreviação de certas palavras. Exemplos: SMAS – Serviços Municipalizados de Água e Saneamento; APET – Associação Portuguesa de Empresas de Tradução; PSD – Partido Social-Democrata; SCP – Sporting Clube de Portugal (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005, p.25).

E com a evolução da língua, as siglas também se transformam não se tornando estáticas diante da transposição do tempo. Dessa maneira, elas sofrem flexões e produzem outras construções, como peemedebistas (membros do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e petistas (membros do PT – Partido dos Trabalhadores). Vale lembrar que algumas siglas provieram de outras línguas, mas no caso desta pesquisa tal informação é dispensável. Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente da língua inglesa: UFO – Unidentified Flying Object (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional OVNI; VIP – Very Important Person (pessoa muito importante); AIDS – Acquired Immunological Deliciency Syndrome (síndrome da imunodeficiência adquirida), muitos chamam de SIDA.

Essa incorporação aparece e faz enriquecer bastante o vocabulário, assim, elas se tornam essenciais para o efeito comunicacional, ou seja, sem dominar o significado de uma determinada “junção de palavras”, a compreensão da mensagem se torna difícil (deficitária) ou até impossível de acontecer.

No Manual da Redação da Folha, na página 98, a explicação acerca das siglas começa com uma negativa: “Em geral, criam dificuldades para o leitor, porque exigem ser decifradas.” E logo, expõem-se que estas devem ser evitadas, menos em casos de expressões famosas, que não precisam nem da explicação, alguns exemplos são “ONU, OLP, USP”. O raciocínio prossegue, sendo assim, as siglas não possuem pontos e sempre

que forem explicadas, a definição vem após a siglificação, como: “[...] MIS (Museu da Imagem e do Som)”. Mais a frente, percebe-se que tal regra se mostra de modo oposto do que é expresso pelos manuais do Estado e do O Globo. Perceba com o exemplo de CPF:

Deve declarar quem teve em 2006 rendimentos tributáveis até R\$ 14.992,32. O contribuinte que não entregá-la por um ano tem o CPF (Cadastro de Pessoa Física) enquadrado na situação "pendente de regularização". Com dois ou mais anos de omissão, o CPF é suspenso (FOLHA ONLINE. Publicado em: 26 nov. 2007).

No jornal Folha de São Paulo, segue-se bem esse direcionamento, como se percebe na matéria intitulada “Emergentes terão menos capital em 2012”, do dia 25 de janeiro de 2012 (quarta-feira), em que há duas siglas:

No mesmo dia em que o FMI (Fundo Monetário Internacional) revisou para baixo sua projeção de crescimento global. O IIF (Instituto Internacional de Finanças) anunciou que o fluxo de capitais para os mercados emergentes será 18% menor este ano.

Elucidando de uma forma mais clara e concisa, ainda se encontra no manual a explicação que siglas com até três letras, devem possuir letras maiúsculas – como se sucedeu nos dois exemplos anteriores: CPF, FMI, IIF. E quando tiverem quatro ou mais letras, a primeira deve ser maiúscula e as demais minúsculas, os exemplos são Unitri e Universo.

Suplentes doaram para a campanha de 15 senadores. O caso mais emblemático é o do ministro Hélio Costa (Comunicações), eleito senador em 2002 e licenciado desde julho de 2005. Seu suplente, Wellington Salgado (PMDB), financiou 50% da campanha. Salgado e sua família são donos da Universo (Universidade Salgado de Oliveira) e da Unitri (Centro Universitário do Triângulo). Salgado é presidente da Comissão de Educação e jamais exercera cargo eletivo (FOLHA DE SÃO PAULO; Publicado em: 15 jan. 2007).

Mas, há exceções, no caso da leitura de letra por letra (FGTS, DNER), essas devem ser grafadas em maiúsculas – como ocorreu com PMDB no exemplo anterior –, o que realmente aconteceu nos casos estudados; e em expressões consagradas (CNPq, UnB). E no meio impresso, essas construções atípicas, no caso CNPq, também foram respeitados, como em matéria “Emprego industrial cai em SP, diz pesquisa”, do dia 12 de novembro de 2007 (segunda-feira): “Um estudo que está sendo feito pelas pesquisadoras [...] da USP, e [...], da PUC-SP mostra que é já visível [...]. A mesma pesquisa – financiada pelo CNPq

para o Instituto do Milênio [...]”. Vale lembra que USP e PUC-SP são siglas consolidadas em São Paulo – onde fica a sede e o centro dos acontecimentos a serem noticiados –, logo não precisam ser explicitadas como reza o manual.

No Manual do Estado, nas páginas 267 e 268, se discute a formação e o uso de siglas, assim, salienta-se que não se deve usar pontos depois das letras (reforçando: ao usar a palavra “pontos” subentende que não se emprega qualquer tipo de pontuação, nem mesmo o ponto final, que muitos, erroneamente, aplicam no processo de siglonimização). Na primeira exposição da sigla deve-se primeiramente explicá-la e depois escrevê-la, (“nunca antes”) e em seguida há alguns exemplos para facilitar o entendimento, como: “[...] Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) [...]”.

Veja, com vários exemplos, que tal modelo é praticado:

Universidades de MG terão de reservar vagas ao ensino público. As instituições atingidas pela decisão deverão elaborar, nos vestibulares, listas diferenciadas de aprovação. As instituições poderão ainda recorrer ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e ao Supremo Tribunal Federal (STF). [...] quando o Ministério Público Federal (MPF) em Minas [...]. A decisão vale para as seguintes instituições: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade Federal de Lavras (UFL); Universidade Federal de Uberlândia (UFU) [...] (AGÊNCIA ESTADO; Publicado em: 21 set. 2007).

Mais adiante aparecem as exceções, ou seja, os casos em que não se precisa definir a sigla: partido político – PMDB, PSDB – e empresas cuja sigla se tornou sinônimo do nome próprio – Varig, Banespa –, vale ressaltar que estes exemplos são do próprio manual e são expressamente seguidos pelos veículos de comunicação do Estadão. E segundo o manual, em algumas partes dos meios de comunicação, as siglas não necessitam ser explicadas, como: primeira página, editoriais, artigos, colunas e cartas de leitores; a justificativa se dá pela economia de espaço. O que foi percebido no jornal do dia 18 de fevereiro (sábado), cujo título tem na capa a sigla CBF: “Teixeira diz que volta à CBF depois do carnaval” e no espaço “Fórum dos leitores”, do fascículo de três de janeiro de 2012 (terça-feira), em que foram observados o uso de duas siglas sem a explicação (o grifo é meu):

Haja **IPTU** inflado na cidade de São Paulo! Queremos os nossos R\$3,5 milhões, que foram pagos por um serviço que não deu certo. A implosão que sobrou do moinho incendiado foi um enorme fiasco. Que a empresa contratada (**Desmontec**) termine [...].

Também se expõe que as siglas com até três letras devem ser grafadas em maiúsculas. Já as com quatro letras, apenas a primeira é maiúscula, como foi encontrado – no site – nos casos de *Ibovespa* e *Unicamp*; enquanto que as demais são minúsculas, salvo algumas exceções, como: CNBB, BNDES, IPTU – como visto no exemplo anterior. Ainda há casos em que a sigla pode misturar maiúscula com minúscula – segundo o texto explicativo, algumas têm essa forma para diferenciarem de outras, como: CNPq, UnB. E esse último caso também foi grafado segundo consta no manual, verifica-se os dois casos exemplificados em um único trecho:

A 25ª edição do Prêmio Jovem Cientista foi lançada nesta segunda-feira na **Universidade de Brasília (UnB)**. Este ano o tema são as cidades sustentáveis. Podem se inscrever estudantes dos ensinos médio e superior e graduados das mais diversas áreas do conhecimento.

O prêmio ajuda a dar visibilidade à produção científica no Brasil. O diretor do serviço de prêmios do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**, [...], disse que uma das grandes preocupações do conselho é assegurar a permanência dos pesquisadores no País, uma vez que a maioria acaba indo para o exterior em busca de mais recursos e oportunidades para desenvolver seus trabalhos (AGÊNCIA ESTADO; Publicado em: 06 jun. 2011). (o grifo é meu).

Por fim, há uma série de recomendações e justificativas, dentre elas a de se usar apenas siglas “existentes ou consagradas” e a de não empregar siglas próximas no título, o que foi analisado e percebido que o manual foi seguido. Já as estrangeiras, estas devem ser traduzidas ou em alguns casos se mantém a original, mesmo que a tradução não se identifique com a sigla. O que também ocorreu em matéria intitulada “Anvisa rastreia próteses com defeito”, do dia três de janeiro de 2012 (terça-feira), veja: (o grifo é meu).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) deve divulgar até o fim destas emana um mapeamento com a distribuição das cidades, clínicas e hospitais que adquiriram as próteses de silicone **PIP (Poly Implant Prothèse)** pelo País – sabe-se até o momento que 70% delas estão nos Estados do sul e Sudeste.

Vale como outra comprovação e curiosidade que no título apareceu a sigla “Anvisa” e ela não foi explicada como está expresso no manual e já no texto, ela foi definida antes do emprego da siglomização.

Eviencia-se que o autor se preocupou em dar bastante exemplos e que estes são sempre utilizados no cotidiano.

No O Globo, as explicações acerca da siglonimização ocupam apenas um parágrafo e estão misturadas com questões de abreviatura, assim, de um modo bem sintetizado, propaga-se que no primeiro uso da sigla esta deve ser explicada e em seguida colocada entre parênteses (o mesmo padrão do Estado). Observe por meio do exemplo de COB:

Pressão de artistas fez governo mudar lei para esporte. (...) o atleta paraolímpico Clodoaldo Francisco da Silva, e o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) (G1. Publicado em: 13 dez. 2006).

No meio impresso o mesmo norteamto também é respeitado. (o grifo é meu).

Brasília. Projeto ambicioso do Ministério da saúde, a construção de um campus integrado para o **Instituto Nacional do Câncer (Inca)**, no Rio de Janeiro, orçado em R\$496 milhões, empacou por conta de um sobrepreço de R\$47,9 milhões na licitação para as obras. O **Tribunal de Contas da União (TCU)** determinou que a instituição republique em 15 dias o edital corrigindo irregularidades e reinicie a concorrência para escolher a empresa executora dos serviços.

Enfim, repara-se uma consonância em relação ao uso das siglas nesses dois veículos de comunicação de O Globo e tanto o meio virtual como o impresso respeitam as determinações.

No manual, logo se averigua a ressalva, em caso de siglas “famosas”, a definição é dispensada, inclusive as partidárias. O que ocorre da seguinte maneira: a política do PT. O candidato do PSDB. A cúpula do PMDB.

E mais a frente há uma oposição com o Manual do Estadão – talvez por falta de informação ou as diversas interpretações que os dizeres do manual propiciam –, o manual global coloca que no caso de siglas com quatro ou mais letras e que formam palavras, estas têm que ser grafadas com inicial maiúscula, já em outros casos, todas as letras são minúsculas; depondo contra a construção de “CNPq”, que inclusive foi expressa tanto no manual do Estado quanto no da Folha.

No exemplo seguinte, a sigla foi explicada como é exposto no manual, mas a sigla tem a última letra pequena, depondo o que está redigido no próprio manual. Confira:

CNPQ separa R\$15 milhões para pesquisa em informática. SÃO PAULO (Reuters) - O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vai destinar 15 milhões de reais para o financiamento de projetos de pesquisa, nas áreas de tecnologia da informação e engenharia de software. (G1, Publicado em: 21 set. 2007).

Aremata-se É importante mencionar que em todas as siglas observadas dos três veículos comunicacionais em nenhum se viu o uso do ponto final. E que os redatores dos meios virtuais e impressos das três mídias seguem copiosamente as normatizações sobre a siglomização, o que não ocorre com os estrangeirismos.

REFERÊNCIAS

ABBR abre vagas para estágio e trainee em diversas áreas. **O globo**. São Paulo. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/educacao/abbr-abre-vagas-para-estagio-trainee-em-diversas-areas-3010404#ixzz1mkzeXulX>>. Acesso em: 12 fev.2012.

BOCCANERA, S. Cientista britânico ataca astrologia em série de TV. **BBC**. São Paulo, 31 ago. 2011. Seção notícias. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid34347,0.htm>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Presidência da República. **Manual de redação da Presidência da República**. MENDES, G. F. e FORSTER JÚNIOR, N. Jr. (Org.). 2 ed. rev. e atual. Brasília: Presidência da República, 2002.

CARVALHO, O de. **A arte de escrever**, Lição 1: Esqueça o Manual de Redação, 1998. Disponível em: < <http://www.olavodecarvalho.org/textos/manured.htm> >. Acesso em: 31 ago. 2011.

CNPQ separa R\$15 milhões para pesquisa em informática. **G1**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1638045-6174,00-CNPQ+SEPARA+R+MILHOES+PARA+PESQUISA+EM+INFORMATICA.html>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

CHUVA alaga trecho da Avenida Paulista. **Estadao online**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,chuva-alaga-trecho-da-avenida-paulista-,837394,0.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2012.

COM nove novos estilistas, Fashion Week começa dia 27 de janeiro. **Folha Online**. São Paulo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30043.shtml>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

COMO curar o joelho treinando. **Estadão online**. São Paulo. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/arquivo/suplementos/2007/not20070320p9559.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

CONTAINER tomba num dos acessos à Linha Amarela. **O globo**. São Paulo. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/rio/container-tomba-num-dos-acessos-linha-amarela-3026969#ixzz1ml9YcXRc>> Acesso em: 19 fev. 2012.

CONSELHO aperta cerco ao grupo da medicina estética. **Folha Online**. São Paulo.

Disponível em:

<<http://www.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/893835-conselho-aperta-cerco-ao-grupo-da-medicina-estetica.shtml>> Acesso em: 18 fev. 2012.

D'AMORIM, S. Governo quer conta salário obrigatória. **Folha de São Paulo**, Brasília. 26 de ago. 2006. Seção Mercado Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u110538.shtml>>. Acesso em: 31 ago. 2007.

FOLHA UOL. **Manual de redação**. Disponível em:

folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm. Acesso em: 17 fev. 2012.

FURACÃO x Vasco: primeiro round em Curitiba. **Globoesporte**. Disponível em:

<<http://video.globoesporte.com/0,GIM714699-7756,00.html>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

GARCIA; L. **Manual de redação e estilo**. **O Globo**. 29ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

GRADES e contêiner atravessam o caminho no Sambódromo. **O globo**. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/eu-reporter/grades-contener-atravessam-caminho-no-sambodromo-3964925#ixzz1ml8fnZU3>> Acesso em: 19 fev. 2012.

INSTITUTO GUTENBERG. **Manual é contrato com o leitor**. Nº.: 1, Março de 1995.

Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/manual1.html>. Boletim>. Acesso em: 30 jan. 2011.

KRAKOVICS, F. Suplentes doaram para a campanha de 15 senadores. **Folha de São Paulo**, Brasília. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u88616.shtml>>. Acesso em: 31 ago.2010.

LUTADOR de boxe canadense é achado morto em flat em Porto de Galinhas, em

Pernambuco **O globo**. São Paulo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/lutador-de-boxe-canadense-achado-morto-em-flat-em-porto-de-galinhas-em-pernambuco-3201395#ixzz1ml7hcx7U>> Acesso em: 19 fev. 2012.

MARTINS, E. L. F. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo**. 3ª Ed.

revista e ampliada. São Paulo: O Estado de São Paulo, 2007.

MARQUES, C. Aos 91, Jamelão canta ao vivo no desfile da Poko Pano. **Folha Online**.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51627.shtml>>.

Acesso em: 31 ago. 2010.

PALACIOS, A. Hotel do Boca Juniors para torcedores custará R\$ 18 milhões. **do**

estadao.com.br. Disponível

em:<http://www.estadao.com.br/esportes/not_esp83444,0.htm>. Acesso em: 31 ago. 2010.

PRAZO para fazer declaração de isento do IR termina na sexta. **Folha Online**. São Paulo.

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u348853.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

PRÊMIO Jovem Cientista este ano será sobre cidades sustentáveis. **Estadão online**. São Paulo. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,premio-jovem-cientista-este-ano-sera-sobre-cidades-sustentaveis,728778,0.htm>> Acesso em: 19 fev. 2012.

PRESSÃO de artistas fez governo mudar lei para esporte. **G1**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,AA1386812-5601,00.html>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

PRINCÍPIOS editoriais das Organizações Globo. **G1**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#correcao>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

PUBLIFOLHA. **Manual da redação**: Folha de São Paulo. Revista e ampliada. São Paulo, 2006.

SCARTON, G. SMITH, M. M. Manual de redação. Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, [2002]. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/manualred> >. Acesso em: 12 abr. 2012.

VALE já refinanciou 84% do empréstimo bilionário para compra da Inço. **Folha Online**. São Paulo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u113325.shtml>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

ZUKERAN, V. O que importa é ver a corrida. **Estadão online**. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20071022/not_imp68546,0.php>. Acesso em: 11 ago. 2010.